Questões de gênero na sucessão familiar na agricultura: cenário internacional

Eixo temático proposto: Eixo 3

Breitenbach, Raquel

Corazza, Graziela

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão.

raquel.breitenbach@sertao.ifrs.edu.br

grazielacorazza@yahoo.com.br

**Resumo:** Questões de gênero e diversidade vêm ganhando visibilidade no Brasil. No campo, especificamente, o processo de sucessão familiar rural remete a questões de gênero, em que os filhos homens são preferidos em detrimento das mulheres. As pesquisas no Brasil apontam para um cenário de alerta à reprodução social na agricultura familiar, pois a migração do campo para a cidade, na busca de condições mais favoráveis de trabalho, estudo e reconhecimento, implicam na saída de jovens da agricultura, especialmente mulheres. E nas outras nações, como essa problemática se apresenta? Partindo desta questão, o presente trabalho investiga questões de gênero no processo da sucessão familiar rural numa perspectiva internacional. Buscou-se identificar se a diferenciação de gênero é exclusiva do Brasil ou se ocorre em outros locais do mundo. Metodologicamente, realizou-se um ensaio teórico, alicerçando na revisão bibliográfica, com auxílio de ferramenta de gerenciamento de referências. Constatou-se que a problemática da distinção de gênero na sucessão familiar na agricultura se apresenta em diversas nações, preocupando agricultores, acadêmicos e o Estado, que atua através de discussões de políticas públicas ao redor do mundo.

**Palavras-chave**: Migração rural-urbana, juventude rural, transferência geracional, mulheres no campo, agricultura familiar.

**1. Introdução**

Questões relacionadas ao futuro do meio rural são motivos de pesquisas e debates no Brasil (Anjos e Caldas 2005). Dentro desta temática, destaca-se a atenção dispendida ao tema “sucessão rural” e permanência dos jovens no campo, uma vez que são temáticas diretamente relacionadas ao futuro do campo. Portanto, é fundamental a atenção em torno dos jovens rurais, uma vez que depende destes e do sucesso no processo sucessório para a continuidade das propriedades familiares com o passar das gerações (ONUBR 2016).

Ao abordar a temática juventude rural, se reconhece sua complexidade e heterogeneidade. Galindo (2019), por exemplo, opta pela utilização do termo “juventudeS”, por conta da diversidade de formas de autoidentificação dos jovens, construídas a partir dos territórios onde vivem. Com isto, a autora chama a atenção para uma juventude rural heterogênea, mas que, ao mesmo tempo, reúne aspectos em comum.

Juventude rural geralmente é definida como contraponto e comparativo da juventude urbana, isso ocorre, por exemplo, no Sul do Brasil por Novaes *et al.* (2006), no Chile por Aguirre-Pastén, Gajardo-Tobar e Muñoz-Madrid (2017) e em nível de Brasil por Castro *et al.* (2013).

Ao aprofundar os estudos sobre juventude rural, pesquisadores brasileiros têm constatado a persistente diferenciação de gênero no campo. A diferenciação de condições de vida, de tratamento, reconhecimento, remuneração, autonomia e oportunidades têm ganhado visibilidade no meio acadêmico (Heredia e Cintrão 2006). Por isso, na agricultura familiar[[1]](#footnote-1) brasileira e latino-americana, persistem as preferências pelos filhos homens como sucessores familiares nas propriedades rurais (Redin *et al.* 2013; Deere e Léon 2003).

Nesta forma de agricultura (familiar), que é heterogênea no Brasil (Schneider e Niederle 2008), uma preocupação se refere a continuação e permanência dos jovens no meio rural, pois a presença de um membro da família como sucessor é imprescindível para a continuidade de um estabelecimento familiar (Breitenbach e Corazza 2019).

No cenário brasileiro, as pesquisas apontam para um ambiente desfavorável para a reprodução social no meio rural. Isso ocorre especialmente pelos seguintes motivos: desvalorização dos atores que vivem no campo; falta de infraestrutura em muitas propriedades; dificuldades relacionadas ao trabalho agrícola e a agricultura; tradições patriarcais que presam pela maior valorização do trabalho do homem em detrimentos do trabalho da mulher e culminam em desigualdade de gênero no processo de sucessão rural (exclusão das mulheres); falta de apoio governamental para os jovens agricultores; precárias condições de infraestruturas no meio rural; baixas opções de escolarização; entre outros (Carneiro 2001; Spanevello *et al.* 2010; Siqueira 2004; Anjos, Caldas e Costa 2006; Breitenbach e Corazza 2017; Soares da Silva *et al.* 2011; Castro *et al.* 2013; Mello *et al.* 2003; Spanevello 2008; Costa 2006; Savian 2011; Stropasolas 2004).

 Portanto, no Brasil destacam-se como fatores críticos da reprodução social na agricultura familiar, as dificuldades no processo sucessório e as distinções de gênero. *E nas outras nações, como essa problemática se apresenta?* Partindo dessa questão de pesquisa, o presente trabalho teve como objetivo investigar questões de gênero no processo da sucessão familiar rural numa perspectiva internacional. Especificamente se objetivou identificar se a diferenciação de gênero nos processos sucessórios na agricultura é exclusiva do Brasil ou se ocorre em outros locais do mundo e como ocorre.

**2. Metodologia**

Para a presente pesquisa realizou-se um ensaio teórico, alicerçado na revisão bibliográfica, com auxílio de ferramenta de gerenciamento de referências. A presente pesquisa é qualitativa e exploratória, pois busca compreender os significados e características dos objetos de pesquisa - uma peculiaridade da pesquisa qualitativa (Richardson *et al.* 1999).

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade não quantificável. Ao buscar responder questões particulares, trabalha com um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, equações, médias e estatísticas (Minayo *et al.* 1994; Richardson *et al.* 1999). A pesquisa exploratória, por sua vez, objetiva proporcionar maior intimidade com o problema em estudo, simplificar um problema complexo ou elaborar hipóteses mais ajustadas, auxiliando na compreensão do problema enfrentado pelo pesquisador (Malhotra 2001). É usada para definir ou descobrir a causa de um problema com maior exatidão (Malhotra 2001).

Desta forma, foi realizada uma aprofundada pesquisa teórica focada em artigos científicos que abordassem o tema sucessão rural e questões de gênero. A pesquisa bibliográfica, acompanhada da pesquisa exploratória, foram responsáveis por: a) mapear o que vem sendo produzido cientificamente a respeito do tema sucessão rural e permanência no campo em nível internacional; b) identificar se o padrão de diferenciação de gênero é exclusivo do Brasil ou se ocorre em outros locais do mundo.

A pesquisa bibliográfica e exploratória possibilitou realizar um processo constante de compreensão dos objetivos, observando etapas, lendo, questionando e analisando criticamente o material bibliográfico. Nesse trabalho, a pesquisa bibliográfica compreendeu um conjunto sistemático de processos atentos ao objeto de estudo, seguindo as etapas definidas teoricamente por Salvador (1986), conforme apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1- Etapas e procedimentos da pesquisa bibliográfica realizada.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Etapas pesquisa bibliográfica** | **Procedimentos** | **Ações, artigos selecionados e ferramentas utilizadas** |
| **1. Leitura de reconhecimento**  | Leitura rápida para localizar eselecionar o material que apresentasse informações ou dados referentes ao tema.  | O pesquisador busca os dados em bibliotecas e bases de dados digitais para localizar as obras relacionadas ao tema. |
| **2. Leitura exploratória** | Leitura rápida - verificar se as informações ou dados selecionados são importantes para o estudo. | Comprovar quais das obras selecionadas têm informações que respondem aos objetivos propostos. Nesta etapa, foram selecionados 77 artigos.  |
| **3. Leitura seletiva** | Definir o material que de fato interessa, relacionando-o diretamente aos objetivos da pesquisa.  | Selecionar informações importantes e descartar as que não auxiliam nos objetivos da pesquisa. Foi utilizada a ferramenta de gestão de referências QDA Miner Lite®, a partir da qual foram selecionados 37 artigos que continham a temática sobre gêneros.  |
| **4. Leitura reflexiva ou crítica** | Estudar criticamente o material, buscando ordenar e sumarizar as informações.  | Análise dos pesquisadores focando em responder aos objetivos da pesquisa. |
| **5. Leitura interpretativa** | Catalogar ideias confrontando com o problema de pesquisa. Interpretar as ideias do autor, inter-relacionando com o propósito do pesquisador.  | Associar ideias, comparar propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar são fundamentais nessa etapa. |

Fonte: Realizado com base em Salvador (1986).

À exemplo das complexas etapas definidas no Quadro 1, a pesquisa bibliográfica apresenta mais flexibilidade na obtenção dos dados, o que não a torna mais fácil. Demanda mais trabalho do pesquisador, requer disciplina e atenção no percurso metodológico e no cronograma de estudos proposto (Lima e Mioto 2007).

O mapeamento da produção científica foi realizado por meio do Google Acadêmico, SciELO, ERIC, Periódicos CAPES, BDTD, Science.gov e ScienceResearch.com., por serem bases de dados que apresentam diversidade de periódicos que publicam artigos relacionados à temática sucessão familiar no contexto internacional. As palavras chave utilizadas para busca dos artigos foram: “agricultura familiar”, “migração rural-urbana”, “jovens rurais”, “permanência no campo”. Desta primeira busca e, posteriormente da análise de enquadramento, resultaram 77 artigos.

Posteriormente, para seleção de conteúdos que respondessem aos objetivos propostos pela pesquisa, foi utilizada a ferramenta de gerenciamento de referências, de versão livre, QDA Miner Lite®. Este software de análise qualitativa permite a categorização de grupo de dados, auxiliando na compreensão dos mesmos. O *software* não sugere interpretações de forma automática, sendo a classificação inserida pelos pesquisadores e, baseado na análise e no agrupamento de conteúdo dentro da plataforma, o pesquisador pode tirar as conclusões sobre os dados de seu objeto de pesquisa (Azevedo 2018).

A utilização de softwares de análise de dados qualitativos promove facilidade para visualização de relações entre conjuntos de dados e aumenta a velocidade de resposta das análises (Evers 2011). Incluem funcionalidades específicas para os processos de codificação e categorização, através da criação e manutenção da hierarquia de códigos e associação destes a pontos específicos no material analisado, além de buscas otimizadas (Saillard 2011).

Com inserção de palavras-chave, o programa selecionou trechos em conformidade com a proposta da pesquisa. Foram utilizadas as palavras-chaves: *gênero, género, gender, filha, filhas, hija, hijas, daughter*. A partir desta busca, se identificou 37 artigos relacionados com o tema, os quais, a partir da análise criteriosa dos autores, compuseram os resultados da pesquisa.

**3. Desafios da juventude rural**

Para boa parte dos jovens rurais, as promessas de vida, trabalho e estudo encontradas no meio urbano fazem parte das perspectivas e sonhos para o futuro (Brumer 2007). O jovem rural reconhece as dificuldades relacionadas à valorização do agricultor, falta de apoio do Estado e menor diversidade de emprego (Breitenbach e Corazza 2017; Molotla 2018). A migração do campo para a cidade na busca de condições mais favoráveis de trabalho, estudo e reconhecimento, implicam na saída de jovens da agricultura, especialmente mulheres (Heredia e Cintrão 2006). Isto tangencia um cenário de alerta à reprodução social na agricultura familiar.

Assim como no Brasil, na Espanha a juventude é uma categoria chave para o futuro do meio rural, uma vez que as características mais proeminentes da população rural espanhola são o envelhecimento, a masculinização, desigualdades de gênero e alta mobilidade (Fernández, Ardoy e Serrano 2018; Camarero *et al.* 2009).

Tais características não são exclusivas da Espanha, pois o ambiente rural europeu tem uma estrutura populacional descompensada em termos de idade (envelhecimento da população) e gênero (masculinização). Isto gera problemas de sociabilidade, uma vez que a falta de população jovem dificulta que se desenvolvam relações pessoais e agravam os desafios para aqueles jovens que possuem identidades de gênero não normativas (Fernández, Ardoy e Serrano 2018). Ainda na Europa, uma situação de vulnerabilidade para os jovens é às limitações geográficas e de infraestrutura que afetam o acesso ao emprego e formação, os quais precisam viajar para completar os estudos universitários (Fernández, Ardoy e Serrano 2018).

Mas outros aspectos interferem na migração para fora da propriedade. No Brasil, Breitenbach e Corazza (2019); Breitenbach e Corazza (2017); Castro *et al.* (2013); Puntel, Paiva e Ramos (2011); e Redin e Silveira (2012) apontam como principais aspectos que interferem nesta decisão as dificuldades e incertezas do meio rural, bem como a existência de mais de uma geração na mesma propriedade, o tardio processo de passagem de patrimônio, a falta de espaço e momentos de lazer no campo, a atratividade dos centros urbanos, o trabalho penoso e difícil e a pouca valorização do trabalho agrícola pela sociedade. Estes aspectos, entre outros, também podem ser encontrados em pesquisas realizadas na América Latina (Espíndola 2002) e no Chile (Aguirre-Pastén, Gajardo-Tobar e Muñoz-Madrid 2017).

A ideia de não continuar na agricultura, para alguns agricultores, é a melhor solução e uma maneira de não envolver os filhos no trabalho duro e difícil relacionado com a profissão de agricultor. Não obstante, sair da atividade agrícola pode ser positivo ao passo que os pais não envolvem os filhos nas dificuldades financeiras pela qual se encontram no campo. Desta forma, muitas famílias se sentem aliviadas por poderem sair da agricultura quando os filhos não se interessarem por esta atividade, bem como alguns pais não querem passar a velhice tendo o compromisso de ajudar na propriedade (Grubbström e Eriksson 2018).

Os impactos para a propriedade, caso o sucessor não tenha sido identificado, são grandes. Na maioria das vezes, a desintensificação e a liquidação de ativos representam o início do fim da carreira da família na agricultura (Leonard *et al.* 2017). Por isso, sucessão rural é uma questão relevante, pois se relaciona com a migração da juventude rural, a sustentabilidade das propriedades e com o envelhecimento do setor agrícola (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018).

Portanto, o efeito de um processo de sucessão próspero é positivo para a propriedade, uma vez que o jovem homem ou mulher se envolve ativamente na execução das atividades e do processo de tomada de decisão, incluindo o processo gradual de passagem de gestão entre gerações (Leonard *et al.* 2017).

Pesquisas no Brasil demonstram que, quanto maior o envolvimento dos possíveis sucessores nas decisões da propriedade, maiores as chances de se obter sucesso no processo de sucessão (Breitenbach e Corazza 2017). Contudo, dados internacionais demonstram que as decisões sobre questões financeiras estão dentre as decisões que normalmente não cabem ao sucessor, mas ao patriarca. Já dentre as decisões que têm a participação dos sucessores, estão a gestão pecuária e a seleção e supervisão de funcionários (Lobley, Baker e Whitehead 2010).

Portando, as tensões nas relações de autoridade na família comprometem a participação dos sucessores nas decisões (Castro 2006; Breitenbach e Corazza 2019). Complementar a isso, as mulheres estão em situação de desvantagem na participação no processo de tomada de decisões e têm seu protagonismo minimizado quanto à participação nos trabalhos da propriedade (Breitenbach e Corazza 2019; Abramovay *et al.* 1998). Desta forma, as barreiras de gênero que ainda podem ser encontradas no meio rural, são empecilhos para a permanência de jovens, principalmente jovens mulheres, na agricultura (Troian e Breitenbach 2018).

**4. Diferenciação de gênero na agricultura e interferência no processo de sucessão familiar**

Na maioria das propriedades rurais, a gestão é expressa na relação entre homem e mulher, bem como na divisão de tarefas/atividades que ocorrem dentro da propriedade (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Ou seja, a divisão do trabalho dentro das famílias é feita em função do gênero. Isso torna mais especializado o trabalho, mas condiciona filhos ou filhas como potenciais sucessores (Ousterud 2012; Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Essa divisão sexual do trabalho (Menasche e Torrens1996; Silva 2019), geralmente coloca o trabalho da mulher como menos reconhecido, sofrendo diferentes preconceitos, os quais se estendem às atividades de extensão rural no Brasil (Villwock, Germani e Roncato 2016). Essa realidade faz com que a internalização desta perspectiva de gênero esteja presente desde a juventude das mulheres. Resultado disto, o tema “gênero” é debatido e incorporado em ambientes acadêmicos, políticos, dos movimentos sociais, etc. (Silva 2019).

Quando a discussão se concentra nas jovens mulheres rurais tem mais especificidades. Primeiro porque, por serem jovens, são consideradas como em formação e sob tutela. Somado a isso, tem a cultura patriarcal que condiciona as relações de gênero e as colocam como responsáveis pelo trabalho doméstico, atividades não transformadas em renda e consideradas leves. Como consequência, as mulheres rurais têm dupla jornada: o trabalho doméstico e agropecuário. Mesmo assim, existe uma invisibilidade do seu trabalho, sendo vistas como ajudantes dos maridos, pais e irmãos que também controlam a circulação delas em espaços públicos. Essa desigualdade de gênero contribui para a maior migração das mulheres rurais para espaços urbanos, na busca de autonomia (Brumer 2004; Brumer 2007; Galindo 2019).

Esta desigualdade no campo entre homens e mulheres é comumente explicada pela cultura e histórico familiar, representados por estruturas sociais de dominação. Para as pessoas inseridas nestes grupos sociais, estas estruturas são aparentemente normais (mulheres estão em desvantagem na maioria das famílias e sociedades) (Bourdieu 2007; Magalhães 2009). Este preconceito de gênero, ao longo da infância e juventude, resulta em mais autonomia de participação na propriedade para filhos homens (Suess-Reyes e Fuetsch 2016).

A preferência pelo filho homem ser o sucessor no Brasil, faz com que a maioria das jovens mulheres escolham pelo caminho da formação educacional ou emprego nos centros urbanos (Castro 2006). As mulheres se tornam sucessoras geralmente em famílias onde há apenas filhas mulheres, ou a partir do casamento com alguém interessado em permanecer no meio rural e desenvolvendo atividades agrícolas (Castro 2006; Galindo 2019). As mulheres, por viverem sob a invisibilidade e desvalorização do seu trabalho na agricultura, estarem sob controle dos pais e irmãos, consideram a migração para o meio urbano como alternativa para maior reconhecimento e autonomia (Galindo 2019; Breitenbach e Corazza 2019).

Muitas jovens mulheres rurais têm interesse em ser sucessoras e permanecer no meio rural. Porém, a falta de incentivo dos pais e da sociedade rural em torno da presença feminina como gestoras da propriedade rural, dificulta a permanência no campo e a sucessão familiar para as jovens mulheres (Breitenbach e Corazza 2017; Troian e Breitenbach 2018).

Por consequência, a redução de jovens mulheres no campo dificulta os relacionamentos e geração de novas famílias pelos futuros sucessores. Muitas jovens rurais pensam que o casamento com homens do campo poderia levá-las a um modo de vida semelhante ao de suas mães, o que não é desejado por elas. Portanto, o contexto em que estão, de baixa autonomia e valorização para mulheres rurais, serve de exemplo pra elas e condiciona suas escolhas (Brumer 2007; Breitenbach e Corazza 2017; Troian e Breitenbach 2018; Matte *et al.* 2019).

Esta realidade pôde ser observada também em outras nações, além do Brasil. A presente pesquisa permitiu identificar outros países, regiões ou continentes que, com suas particularidades, apresentam distintas formas de conduzir as relações de gênero na agricultura quanto a divisão do trabalho e valorização e incentivos para a sucessão rural. Na Figura 1 pode ser observada a distribuição geográfica em que foram encontrados dados sobre questões de gênero no processo sucessório e, na sequência, a apresentação dos dados por país e região.

Figura1 - Destaque para as regiões mundiais de abrangência da pesquisa.



Fonte: Adaptado pelos autores.

1. **América Latina** - Na América Latina alguns dos principais problemas entre os jovens rurais e a sucessão das propriedades são: o acesso a terra, a pluriatividade como resultado da renda insuficiente gerada pelo trabalho agrícola familiar, as relações familiares patriarcais e a dominação existente sobre as mulheres (Kessler 2006).

Corrobora pra isso, problemas nas relações entre formação educacional e trabalho agrícola. A educação deve ser articulada entre conteúdo produtivo ao educacional, sendo que o treinamento para funções agrícolas, na maioria, dar-se-á em casa (Kessler 2005).

Apesar das problemáticas e ainda que estejam presentes muitos desafios, a juventude rural latino-americana conseguiu melhorar suas perspectivas de emprego e renda no meio rural (ONUBR 2016). No entanto, persiste o estímulo e o desejo de jovens meninos serem preferidos para o papel de sucessor da propriedade rural (Deere e Léon 2003). Contudo, alguns países têm distintos problemas relacionados com a juventude rural, conforme segue.

**1.a. México** - Os desafios encontrados pelos jovens rurais do México são a precariedade e riscos relacionados ao trabalho, bem como salários menores que dos adultos (Molotla 2018). Além destes fatores, salienta-se a redução das possibilidades de acesso a terra, fator este que acaba acentuando que os jovens optem pela migração nacional-interna e em direção a regiões fronteiriças próximas dos EUA (Ramírez 2019; Aquino 2012). Referente ao perfil dos migrantes mexicanos, que visavam se inserir em atividades produtivas nos EUA, Ramírez (2019) descreve como sendo campesinos de ascendência “tojolabal”, homens jovens solteiros e casados, com idade de 20 a 40 anos.

**1.b. Brasil** - Inúmeros trabalhos apresentam o contexto brasileiro, sendo que os principais aspectos foram contemplados no referencial teórico desse artigo.

1. **Austrália** – Na Austrália a religiosidade é fortemente presente nas comunidades rurais e, apesar de ter um papel importante no que tange ao pensamento sobre sucessão nas propriedades rurais, reforça modelos tradicionais e patriarcais. Nestes modelos, os filhos homens são preferidos para assumir o papel de sucessores, independentemente da real qualificação e vontade de o serem (Suess-Reyes e Fuetsch 2016; Crockett 2004).

Portanto, os pressupostos patriarcais e a organização social de gênero na agricultura, direcionam e tornam evidente a expectativa de que o sucessor deva ser do gênero masculino. Existe ainda, a preferência de que a propriedade tenha um único sucessor, que receba a transferência intacta dos ativos agrícolas, pois os patriarcas acreditam que é a estratégia mais provável de conseguir a continuação das atividades agrícolas na propriedade (Alston 2004; Santhanam-Martin, Bridge e Stevens 2018).

A sucessão rural na Austrália, quando ocorre no final da vida dos pais, é motivada pelo medo que a geração mais velha tem em entregar o controle da propriedade para o sucessor. Este medo tem origem devido às instabilidades que podem ocorrer na família caso ocorra o casamento do sucessor e formação de uma nova família. Isto, apesar de ser fundamental para a base da formação da próxima geração, pode trazer mudanças no núcleo familiar agrícola (Wilkinson 2009).

1. **Canadá** - No Canadá, nas propriedades com maior nível de mecanização, agricultura convencional e produção de capital intensivo, maior também, a exclusão das mulheres de atividades de produção e gestão rural. Por outro lado, propriedades cujo foco são atividades diversificadas, relacionadas à produção de vegetais, pecuária mista e agroturismo, por exemplo, estas tendem a proporcionar maior valorização e inclusão do trabalho das mulheres, tanto nas atividades de produção quanto gestão (Hall e Mogyorody 2007).
2. **Europa/União Europeia** - Na Europa a modernização da agricultura é um dos fatores de mudanças na hierarquia do trabalho, uma vez que as mulheres se tornaram mais assistentes dos homens no trabalho, do que proativas (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

A divisão sexual do trabalho nas propriedades agrícolas da Europa foi, e ainda é, uma base importante para a socialização diferencial de filhos meninas e meninos. Durante a infância, a socialização de uma identidade de gênero envolve diferentes deveres, normas e funções. As filhas acompanham suas mães e os filhos, a partir dos seis ou sete anos, acompanham os pais no trabalho agrícola (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Desta forma, em propriedades onde a fonte de renda é a agricultura, geralmente cabe para as mulheres o trabalho doméstico e deveres reprodutivos, enquanto os homens passam mais tempo nos campos e florestas. Quando é necessário que trabalhem juntos, têm tarefas específicas para cada gênero, bem como as mulheres são acompanhadas pelas crianças e recebem ajuda das meninas mais velhas (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Complementar a isso, destaca-se que o processo de masculinização da população rural europeia vem preocupando pesquisadores desde a década de 1960 (Froehlich *et al.* 2011).

A migração dos jovens do rural para o urbano ocorre quando a expectativa de renda e oportunidades esperada no setor não-agrícola excede a expectativa esperada na agricultura. Além disso, afetam a migração as condições econômicas e estruturais do setor agrícola, a estrutura da propriedade familiar e os atributos pessoais (idade, escolaridade, gênero) encontrados na propriedade (Olper *et al.* 2014).

Ainda acerca de migração, sucessão e diferenças de gênero, a presente pesquisa encontrou trabalhos que descrevem especificidades de alguns países da Europa, como pode ser observado a seguir:

**4.a. França** – Na França a realidade é comum ao que já foi descrito sobre outras regiões da Europa. Lobley (2010) constatou que já no ano de 1993, pouco menos de 30% dos agricultores franceses identificavam um sucessor para a propriedade. Dentre os sucessores identificados, em nenhum caso eram mulheres. Outro desafio encontrado pelos jovens rurais europeus, não comumente discutido, é a homossexualidade e a dificuldade de inserção de jovens que se enquadram como homossexuais, no espaço rural. Estes, buscam na internet e nos centros urbanos construir sua identidade, uma vez que o rural ainda é rodeado por questões de masculinidade e hetossexualidade, sendo a homossexualidade uma questão ignorada por este espaço (Annes e Redlin 2012).

**4.b. Irlanda** - Na Irlanda, os agricultores com sucessores, se comparado a agricultores que não tem um sucessor, são mais propensos a investir ou expandir sua propriedade (Leonard *et al.* 2017). Comparando dados dos anos de 1990 e 1997 do projeto internacional “FARMTRANSFERS”, o percentual de agricultores que identificavam um sucessor na Irlanda passou de 50% para quase 53%. Em 1990 era zero o percentual de agricultores que identificava uma mulher como sucessora e em 1997 passou para quase 5% (Lobley 2010).

**4.c. Itália –** Já na Itália, compreende-se que entender os fatores que estão por trás da vontade dos potenciais sucessores em assumir ou não os negócios da família, é crucial para a continuidade da propriedade (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018). Para Simeone (2007), a escolha de permanecer no setor agrícola italiano se origina quando o jovem começa a planejar seu próprio futuro. Desta forma, dentre os fatores que afetam na escolha de permanecer na agricultura e conferir rotatividade geracional à propriedade destaca-se o envolvimento na atividade agrícola, considerando o tempo da escola e a residência na propriedade familiar.

Na Itália também existe menor propensão por parte das meninas em assumirem a propriedade da família (Simeone 2007), sendo 42,8% menor a probabilidade de sucessão de uma mulher em relação ao homem (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018). Em propriedades especializadas na produção de vegetais frescos, por exemplo, têm predominância de homens no processo de sucessão, uma vez que a taxa de sucessão de jovens do gênero masculino é de 76%, enquanto às mulheres é de 34% (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018).

 Contudo, para Cavicchioli *et al.* (2015), a influência do gênero na sucessão parece contraditória. Na região montanhosa da Itália, os autores relatam que ser uma mulher reduz em 19,6% a probabilidade de ser sucessora da propriedade, no entanto, quando se tem uma mulher como proprietária da propriedade, esta probabilidade aumenta para 20,5%. Não obstante, devido ao papel chave que a mulher desempenha em manter a agricultura nas zonas de montanha, é fundamental o desenvolvimento de políticas a fim de reconhece-las e recompensá-las.

A escolaridade em nível de graduação do titular da propriedade, a intensidade do trabalho e o aluguel de terras, são fatores que aumentam a probabilidade de sucessão na Itália (Cavicchioli *et al.* 2015; Simeone 2007). Porém, em propriedades com cultivo de hortaliças, têm menores chances de sucessão se o agricultor tem um diploma universitário. Já o fator que aumenta a probabilidade de sucessão em propriedades Italianas é o aumento do número de filhos na propriedade (Bertoni e Cavicchioli 2016).

**4.d.** **Reino Unido** - No Reino Unido os jovens rurais que saem de casa para ter contato com a educação agrícola e, posteriormente, retornam para a propriedade, estão mais conscientes de novas tecnologias, bem como desejam implantar a mudança em suas próprias propriedades (Potter e Lobley 1996).

**4.e. Espanha** - Ochoa, Oliva e Sáez (2007) constataram que, na Espanha, quanto maior o nível de educação formal que tem o filho ou a filha dos agricultores, menor é a probabilidade de ocorrer a sucessão intergeracional. Os autores afirmam que esta característica é também resultado de outros estudos referentes a jovens rurais na Espanha. Não obstante, o celibato masculino é pronunciado, em que homens rurais continuam morando com seus pais ou residindo sozinhos (Costa 2013; Camarero *et al.* 2009).

**4.f. Estônia** - Na Estônia, em propriedades onde o homem tem outras fontes de renda além da agricultura, a mulher assume maior protagonismo e maiores responsabilidades pelo trabalho que tradicionalmente era de domínio do homem (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Por outro lado, as famílias rurais, ao buscar estabelecer um filho sucessor que será responsável pela terra e negócio familiar, têm suas decisões permeadas pelo tradicionalismo e tendem para o maior reconhecimento dos homens como possíveis sucessores (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Isto é observado visto que durante a infância, filhos e filhas passam por um processo de socialização que envolve diferentes funções e, com elas, diferentes normas. Filhas meninas frequentemente acompanham suas mães, enquanto filhos meninos acompanham o trabalho de seus pais. Portanto, o caminho tradicional para as mulheres foi o trabalho doméstico e para homens trabalho de agricultor. Como consequência, as filhas não são preparadas para o papel de sucessoras (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Os proprietários de terra valorizam, além de motivos econômicos, motivos emocionais para continuar na agricultura e escolher um sucessor, uma vez que os laços emocionais com a terra são geralmente fortes. Assim, é importante reconhecer que faz parte do processo de transferência da propriedade a transferência de ativos intangíveis – valores e sentimentos. Dentre eles, o conhecimento sobre a propriedade, bem como o valor e importância da propriedade para o desenvolvimento familiar (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Consequentemente, permanecem as tradições mais antigas relacionadas à agricultura e às decisões de quem deve ser o sucessor, existindo a ideia predominante de que deve ser o filho homem. Por outro lado, há uma parcela de proprietários que diz não se importar se a propriedade for herdada por um filho homem ou uma filha mulher, desde que o sucessor esteja interessado e possa cuidar da propriedade/empresa agrícola, dos parentes idosos e dos irmãos mais novos (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Porém, a prática habitual é deixar a terra para um filho homem e não uma filha mulher (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

**4.g. Suécia** - Na Suécia, Grubbström e Eriksson (2018) encontraram dificuldades para entrevistar proprietários de terra do gênero feminino. Isto é reflexo da minoridade da participação das mulheres como proprietárias de fazenda, uma vez que 84% das propriedades são gerenciadas por homens (SCB 2017).

**4.h. Países Baixos/Holanda -** Ao norte dos Países Baixos, Paping e Karel (2011) confirmam que, quando a propriedade é transferida ou vendida para pessoas de fora da família, limita as chances de sucesso dos filhos na agricultura. Caso isto ocorra, menos de um quarto dos filhos consegue retornar ao ramo agrícola novamente. Por outro lado, caso a família tenha um sucessor, as chances dos demais irmãos se estabelecerem confortavelmente, aumentam consideravelmente (Paping e Karel 2011).

**4.i. Inglaterra** – A Inglaterra, apesar de ter maior taxa de sucessão se comparado a Austrália e EUA (Lobley, Baker e Whitehead 2010), enfrenta as questões de distinção de gênero, as quais podem dificultar a transferência de conhecimento para as filhas, bem como criar preconceitos que afetam negativamente o desempenho geral da sucessão (Glover 2014).

1. **Estados Unidos** – Alguns exemplos nos EUA mostraram ser possível uma harmonia no trabalho do homem e da mulher, a fim de se complementarem. Inwood e Sharp (2012) observam que produtores dos EUA, a fim de reagir à queda de preços nos mercados de *commodities*, começaram a processar frutas. O trabalho era feito em conjunto, o homem permanecia como produtor primário de frutas, a mulher era responsável pelas atividades de valor agregado e varejo e os filhos se envolviam em ambas as operações da propriedade.

Acerca da sucessão rural nos Estados Unidos, os agricultores que identificam um herdeiro possuem uma variedade de estratégias de crescimento horizontal e vertical, como a expansão, intensificação e crescimento empresarial, a fim de atingir a meta de reprodução agrícola (Inwood e Sharp 2012). Por outro lado, é significativamente mais provável que os agricultores sem sucessores ou com baixa expectativa de sucessão desgostem da agricultura, acabando por entrar em um modo de gerenciamento estático, ou passam a desinvestir na propriedade, como ocorre nos Estados Unidos (Potter e Lobley 1992; Inwood e Sharp 2012)

**5.a. Nova York** - Em Nova York, algumas famílias replicam a divisão tradicional do trabalho. Propriedades orientadas para o mercado são as que, em maior grau, têm diferenciação de gênero e especialização geracional, gerando invisibilidade da contribuição de diferentes membros da família, especialmente mulheres (Dreby, Jung e Sullivan 2017).

Apesar do trabalho agrícola melhorar os laços familiares, não significa que não há diferenciação de tarefas por gênero. Contudo, Dreby, Jung e Sullivan (2017) relatam que, para tornar o negócio da família bem sucedido, se torna fundamental que os membros tenham, além de um objetivo comum, uma postura de trabalho e divisão de trabalho que envolva a cooperação, coordenação e especialização por gênero e geração.

1. **Rússia (Sibéria)** - A Sibéria é uma vasta região da Rússia e do norte do Cazaquistão, integralmente no norte da Ásia. Assim como a maioria dos locais abordados nesse texto, a intenção do jovem de sair da área rural e da propriedade, diminui caso: a) exista, por parte dos pais, apoio para que o jovem estude em áreas relacionadas à agricultura; b) se a família possuir terras agrícolas; c) se a juventude rural acreditar que não é difícil estabelecer um negócio próprio (Bednaríková, Bavorová e Ponkinac 2016).
2. **Índia** - Na Índia, o gênero e a ordem de nascimento são vistos como compromissos normativos, fundamentados em normas familiares, socialmente institucionalizados como prática cultural para determinar quem será o sucessor. É uma espécie de obrigação que o herdeiro seja do gênero masculino (Sharma e Rao 2000). A sociedade indiana é patriarcal, de modo que os pais beneficiam mais os filhos homens, marginalizando as filhas mulheres. Os indianos percebem atividades geradoras de renda como trabalho para homens, sendo o trabalho das mulheres nos campos visto apenas como parte integrante do seu trabalho doméstico. As mulheres não tomam decisões de gestão na produção, nem comercializam o produto ou controlam o dinheiro restante (Gupta 1987).
3. **Japão** - No Japão, um único sucessor, geralmente o primeiro nascido, é responsável por herdar a terra em sua totalidade ou, pelo menos, sua metade. Porém, a preferência é dada para o homem. Isto inclui casos em que havendo apenas filhas mulheres na família, o sucessor geralmente será o marido da primeira filha nascida (Tsutsumi 2001).

**6. Considerações finais**

A tendência aponta para trajetórias comuns no setor agrícola mundial quanto a dinâmica da sucessão familiar (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018). Constatou-se nessa pesquisa que a diferenciação de gênero nos processos sucessórios acontece globalmente na agricultura. Esta distinção dá maior propensão ao homem para assumir o controle da propriedade familiar.

Contudo, estas tendências podem se modificar dependendo do tipo de exploração agrícola (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018), uma vez que as mulheres tendem a permanecer em propriedades cujo foco seja a diversificação de atividades, dedicando-se a produção de vegetais, pecuária mista e agroturismo, como é o caso do Canadá (Hall e Mogyorody 2007).

Por outro lado, o investimento em políticas públicas demostra ser o caminho mais certo a fim de incentivar e motivar os jovens, homens e mulheres, a permanecer no meio rural. Com o exemplo de outras nações, políticas públicas que voltem seu olhar para as mulheres do campo, para os jovens e as atividades que estes exercem no meio rural, se fazem imprescindíveis para fomentar o processo de sucessão rural familiar. Desta forma, projetos governamentais, através de políticas públicas eficientes, demostram ser, até o momento, a maneira mais promissora de países incentivarem a população de jovens mulheres e jovens homens rurais a permanecer no campo. Assim, políticas públicas elaboradas e planejadas com a participação destes agentes possibilitam maior conhecimento e maiores informações referentes ao acesso a estas políticas, as quais são cruciais para o futuro próspero da sucessão dos jovens no meio rural.

No contexto internacional a agricultura familiar depende da permanência do jovem no campo. Seja homem ou mulher, as propriedades familiares têm estreito laço afetivo com o meio em que vivem. Assim, a interação da criança e jovem com as atividades da propriedade, a nível mundial, corrobora para a positiva inserção destes atores na gestão e sucessão da propriedade.

­­­**Referências**

Abramovay, Ricardo, Milton Silvestro, Nelson Cortina, Ivan T. Baldissera, Dilva Ferrari e Vilson M. Testa. *Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios.* Brasília: Edição UNESCO, 1998.

Aguirre-Pastén, Beatriz, Alexandra Gajardo-Tobar e Lorena Muñoz-Madrid. «Construcción de identidad e la niñez en contextos de ruralidad en la comuna de Concepción, Chile.» *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* 15, n. 2 (2017): 893-911. DOI: <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.1520722112016>

Alston, Margaret. «Who is Down on the Farm? Social Aspects of Australian Agriculture in the 21st Century.» *Agriculture and Human* 21, n. 1 (2004): 37-46.

Anjos, Flávio Sacco dos, Nadia Velleda Caldas e Maria Regina Caetano Costa. «Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar.» *Anais* *Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural* 44, 2006. CD ROM.

Anjos, Flávio Sacco dos, e Nádia Valleda Caldas. «O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização.» *Ensaios FEE* 26, n. 1 (2005): 661-694.

Annes, Alexis, e Meredith Redlin. «Coming out and coming back: Rural gay migration and the city.» *Journal of Rural Studies* 28, n. 1 (2012): 56-68.

Aquino, Alejandra. *De las luchas indias al sueño americano. Experiencias migratorias de jóvenes zapotecos y tojolabales en Estados Unidos.* México: CIESAS, UAM-X, 2012.

Azevedo, Siméia. *MaxQDA - Software para Análise Qualitativa.* Programa De Estudos Pós-Graduados Em Administração: PUC/SP, 2018. <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/administracao/MaxQDA--software-para-analise-qualitativa-simeia-azevedo.pdf>.

Bednaríková, Zuzana, Miroslava Bavorová e Elena V. Ponkinac. «Migration motivation of agriculturally educated rural youth: the case of Russian Siberia.» *Journal of Rural Studies* 45 (2016): 99–111. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.03.006>

Bertoni, Danilo, e Daniele Cavicchioli. «Farm succession, occupational choice and farm adaptation at therural-urban interface: The case of Italian horticultural farms.» *Land Use Policy* 57 (2016): 739-748. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2016.07.002>

Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Breitenbach, Raquel, e Graziela Corazza. «Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil.» *Revista Espacios* 38, n. 29 (2017): 9.

———. «Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil.» *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* 17, n. 2 (2019): 1-34.

Brumer, Anita. «A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade.» Em Carneiro, Maria José, e Elisa Guaraná de Castro, org. *Juventude Rural em Perspectiva*, 35-52. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

———. «Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul.» *Revista Estudos Feministas* 12, n. 1 (2004): 205-227.

Camarero, Luis, Fátima Cruz, Manuel González, Julio A. del Pino, Jesús Oliva e Rosario Sampedro. *La población rural de España: de los desequilibrios a la sostenibilidad social*. Barcelona: Fundación La Caixa, 2009.

Carneiro, Maria José. «Herança e gênero entre agricultores familiares.» *Revista Estudos Feministas* 9, n. 2 (2001): 22-55.

Castro, Antônio Maria Gomes de, Suzana Maria Valle Lima, Eduardo Paulo de Moraes Sarmento e Luis Fernando Vieira. *Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil.* Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.

Castro, Elisa. «As jovens rurais e a reprodução social de hierarquias.» Em Ellen F. Woortmann, Renata Menasche e Beatriz Heredia (orgs.). *Margarida Alves: Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero.* Brasília: MDA, IICA, 2006.

Cavicchioli, Daniele, Danilo Bertoni e Roberto Pretolani. «Farm succession at a crossroads: The interaction among farm characteristics, labour market conditions, and gender and birth order effects.» *Journal of Rural Studies* 61 (2018): 73-83.

Cavicchioli, Daniele, Danilo Bertoni, Federico Tesser e Dario Gianfranco Frisio. «What Factors Encourage Intrafamily Farm Succession in Mountain Areas?» *Mountain Research and Development* 35, n. 2 (2015): 152–160.

Costa, Cassiane da. «Contornos do celibato no espaço rural: solteirões do sul do Brasil.» *Revista Extensão Rural* 21, n. 3 (2013): 22-51.

Costa, Maria Regina Caetano. «Agricultura familiar e sucessão hereditária: estudo de caso no município de Morro Redondo, RS*.*» Dissertação Mestrado em Agronomia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2006. <http://www2.ufpel.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=346>.

Crockett, Judith. The nature of farm succession in three New South Wales communities. *Australian Farm Business Management Journal* 1, n. 1 (2004): 14–27.

Deere, Carmem Diana, e Magdalena Léon. «Diferenças de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina.» *Sociologias* 5, n. 10 (2003): 100-153.

Dreby, Joanna, Gowoon Jung e Rachel Sullivan. «At the nexus of work and family: Family farms in upstate New York.» *Journal of Rural Studies* 49 (2017): 151-161.

Espíndola, H. Daniel. «Nuevo enfoque de políticas públicas de juventud rural.» *Seminario Internacional La revalorización de los grupos prioritarios en el medio rural*, Ciudad de México: México, 2002. <http://juventudruralemprendedora.procasur.org/wp-content/uploads/2013/08/NUEVO-ENFOQUE-en-POLI%CC%81TICAS-PU%CC%81BLICAS-de-JUVENTUD-RURAL.pdf>.

Evers, Jeanine C. «From the Past into the Future. How Technological Developments Change Our Ways of Data Collection, Transcription and Analysis.» *Forum: Qualitative Social Research* 12, n. 1 (2011): 1-31. DOI: <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-12.1.1636>

Fernández, Manuel T. González, Luis Navarro Ardoy e Jesús Oliva Serrano. «Juventud y desarrollo rural: contexto y elementos para una comparación internacional.» Em Suárez, Enrique Contreras, e Felipe Contreras Molotla, coord. *Empleo, capacitación y jóvenes rurales de México,* 29-66*.* México: Universidad Nacional Autónoma de México - Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2018.

Froehlich, José Marcos, Cassiane da Costa Rauber, Ricardo Howes Carpes e Marcos Toebe. «Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS.» *Ciência Rural* 41, n. 9 (2011): 1674-1680.

Galindo, Eryka. «Olhares sobre as juventudes do campo.» Em Montechiare, Renata, e Gabriel Medina, org. *Juventude e Educação: Identidades e Direitos*, 83-90. São Paulo: FLACSO, 2019.

Glover, Jane L. «Gender, power and succession in family farm business.» *International Journal of Gender and Entrepreneurship* 6, n. 3 (2014): 276-295.

Grubbström, Ann, e Camilla Eriksson. «Retired Farmers and New Land Users: How Relations to Land and People Influence Farmers’ Land Transfer Decisionso querer passar a velhice tendo o compromisso de ajudar na propriedade. am no campo. .» *Sociologia Ruralis* 58, n. 4 (2018): 1-26. DOI: <https://doi.org/10.1111/soru.12209>

Grubbström, Ann, e Helen Sooväli-Sepping. «Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession.» *Journal of Historical Geography* 38, n. 3 (2012): 329-339. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jhg.2012.03.001>

Gupta, Monica das. «Selective Discrimination against Female Children in Rural Punjab, India.» *Population and Development Review* 13, n. 1 (1987): 77-100.

Hall, Alan, e Veronika Mogyorody. «Organic farming, gender, and the labor process.» *Rural Sociology*72, n. 2 (2007): 289-316. DOI: <https://doi.org/10.1526/003601107781170035>

Heredia, Beatriz Maria Alásia de, e Rosângela Pezza Cintrão. «Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.» *Revista Nera* 9, n. 8 (2006): 1-28.

Inwood, Shoshanah M., e Jeff S. Sharp. «Farm persistence and adaptation at the ruraleurban interface: Succession and farm adjustment.» *Journal of Rural Studies* 28, n. 1 (2012): 107-117. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2011.07.005>

Kessler, Gabriel. *Estado del arte de la investigación sobre juventud rural en América Latina.* Argentina: EHESS-UNGS, 2005.

———. «La investigación social sobre juventud rural en América Latina. Estado de la cuestión de un campo en conformación.» *Revista Colombiana de Educación* 51 (2006): 16-39.

Leonard, Brian, Anne Kinsella, Cathal O’Donoghue, Maura Farrell e Marie Mahon. «Policy drivers of farm succession and inheritance.» *Land Use Policy* 61 (2017): 147-159.

Lima, Telma Cristiane Sasso de, e Regina Célia Tamaso Mioto. «Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.» *Revista Katálysis* 10 (2007): 37-45.

Lobley, Matt, John R. Baker, e Ian Whitehead. «Farm succession and retirement: some international comparisons.» *Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development* 1, n. 1 (2010): 49-64. DOI: <https://doi.org/10.5304/jafscd.2010.011.009>

Lobley, Matt. «Conference Paper Succession In The Family Farm Business.» *Journal Of Farm Management* 13, n. 12 (2010): 839-851.

MacDonald, James M., Penni Korb e Robert A. Hoppe. *Farm size and the organization of U.S. crop farming.*Washington: USDA, 2013. <https://www.ers.usda.gov/webdocs/publications/45108/39359_err152.pdf>.

Magalhães, Reginaldo Sales. «A “masculinização” da produção de leite.» *Revista de Economia e Sociologia Rural* 47, n. 1 (2009): 275-300.

Malhotra, Naresh K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Matte, Alessandra, Rosani Marisa Spanevello, Adriano Lago e Tanice Andreatta. «Agricultura e pecuária familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios.» *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional* 15, n. 1 (2019): 19-33.

Mello, Márcio Antonio de, Ricardo Abramovay, Milton Luiz Silvestro, Clovis Dorigon, Dilvan Luiz Ferrari, e Vilson Marcos Testa. «Sucessão hereditária e reprodução social na agricultura familiar.» *Agricultura em São Paulo* 50, n. 2 (2003): 11-24.

Menasche, Renata, e João Carlos Sampaio Torrens. *Gênero e agricultura familiar:* *cotidiano de vida e trabalho na produção de leite.* Curitiba: DESER/CEMTR, 1996.

Minayo, Maria Cecília de Souza, Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, e Romeu Gomes. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Molotla, Felipe Contreras. «Empleo y Jóvenes Rurales en México.» Em Suárez, Enrique Contreras, e Felipe Contreras Molotla coord. *Empleo, Capacitación Y Jóvenes Rurales De México*, 87-110*.* México: Universidad Nacional Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2018.

Novaes, Regina Célia Reyes, Daniel T. Cara, Danilo M da Silva, e Fernanda de C. Papa. *Política Nacional de Juventude:* *diretrizes e perspectivas*. São Paulo: Conselho nacional de Juventude, 2006.

Ochoa, A. M. Aldanondo, V. Casanovas Oliva, e C. Almansa Sáez. «Explaining farm succession: the impact of farm location and off-farm employment opportunities.» *Spanish Journal of Agricultural Research* 5, n. 2 (2007): 214-225.

Olper, Alessandro, Valentina Raimondi, Daniele Cavicchioli e Mauro Vigani. «Do CAP payments reduce farm labour migration? A panel data analysis across EU regions.» *European Review of Agricultural Economics* 41, n. 5 (2014): 843–873.

ONUBR. Organização das Nações Unidas no Brasil. *FAO: situação de emprego entre jovens rurais latino-americanos melhora, mas desafios permanecem.* 2016. <https://nacoesunidas.org/fao-situacao-de-emprego-entre-jovens-rurais-latino-americanos-melhora-mas-ha-desafios/>.

Osterud, Grey. *Putting the Barn before the House: Women and Family Farming in Early Twentieth-century New York.* United States: Cornell University Press, Ithaca, 2012.

Paping, Richard, e Erwin Karel. «The rural succession myth: Occupational careers and household formation of peasants’ and farmers’ offspring around 1800.» *TSEG/ Low Countries Journal of Social and Economic History* 8, n. 4 (2011): 44-75.

Potter, Clive, e Matt Lobley. «Ageing and succession on family farms: the impact on decision-making and land use.» *Sociologia Ruralis* 32, n. 2-3 (1992): 317–334.

———. «Unbroken Threads? Succession and its Effects on Family Farms in Britain.» *Sociologia Ruralis* 36, n. 3 (1996): 286-306.

Puntel, Jovani Augusto, Carlos Águedo Nagel Paiva e Marília Patta Ramos. «Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo.» *Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos*, Brasília, D.F., Brasil, 2011. <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>.

Ramírez, Guillermo Castillo. «Migraciones chiapanecas internacionales y cambios territoriales en localidades rurales.» *Interdisciplina* 7, n. 18 (2019): 21-38.

Redin, Ezequiel, e Paulo Roberto Cardoso da Silveira. «Juventude rural: experiências e perspectivas.» Em Santos, Vilson Flores dos, Hugo Anibal Gonzalez Vela e Paulo Roberto Cardoso da Silveira org. *Educação rural no mundo contemporâneo*, 175-208. Santa Maria: UFSM, 2012.

Redin, Ezequiel, Paulo Roberto Cardoso da Silveira, Gisele Martins Guimarães, e Vilson Flores dos Santos. «Juventude rural e novas formas de sociedade mediadas pelas tic.» *Signos do consumo* 5, n. 2 (2013): 225-244.

Richardson, Roberto Jarry, José Augusto de Souza Peres, José Carlos Vieira Wanderley, Lindoya Martins Correia e Maria de Holanda de Melo Peres. *Pesquisa social*: *métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

Saillard, Elif Kus. «Systematic versus interpretive analysis with two CAQDAS packages: NVivo and Maxqda.» *Forum: Qualitative Social Research* 12, n. 1 (2011): Art. 34.

Salvador, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica.* Porto Alegre: Sulina, 1986.

Santhanam-Martin, Michael, Patten Bridge e Lillian Stevens. «Working with stuckness: lessons from an intervention to support intergenerational transitions on Australian dairy farms.» *Canadian Journal of Development Studies/Revue canadienne d'études du développement* 40, n. 2 (2018): 254-271.

Savian, Moisés. «A sucessão geracional na agricultura familiar de Ponte Alta-SC.»Dissertação Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2011. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95353?show=full>

SCB. Statistiska centralbyrån. *Jordbruksstatistisk sammanställning 2017: med data om livsmedel – tabeller.* Örebro: Statistiska centralbyrån, 2017. <https://www.scb.se/contentassets/1e184d1a18c843e2af202c44a5bda45d/jo1901_2016a01_br_jo02br1701.pdf>.

Schneider, Sérgio, e Paulo André Niderle. «Agricultura Familiar e Teoria Social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura.» Em Faleiro, Fábio Gelape, e Austeclínio Lopes de Farias Neto org. *Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais*, 988-1014*.* Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008.

Sharma, Pramodita, e A. Srinivas Rao. «Successor Attributes in Indian and Canadian Family Firms: A Comparative Study.» *Family Business Review* 13, n. 4 (2000): 313-330.

Silva, Mariane Rodrigues. «Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar.» *Brazilian Journal of Development* 5, n. 3 (2019): 2095-2105.

Simeone, Mariarosaria. «Le determinanti del trasferimento intergenerazionale in agricoltura: un'analisi empirica basata sulla stima di un modello probit.» *Rivista Di Economia Agraria* 4 (2007): 519-539. <http://hdl.handle.net/20.500.12070/4498>.

Siqueira, Luisa Helena Schwantz de. «As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar.» Dissertação Mestrado em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7053>.

Soares da Silva, Pedro Celso, Nardel Luiz Soares da Silva, Armin Feiden e Wilson João Zonin. «Comportamento da juventude estudantil rural do Oeste Paranaense em relação as atividades desenvolvidas pela agricultura familiar.» *Revista Cultivando o Saber* 4, n. 2 (2011): 173-187.

Spanevello, Ricardo. M. «A dinâmica sucessória na agricultura familiar.» Tese Doutorado em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16024>.

Spanevello, Rosani Marisa, Alessandra Matte, Letícia Fátima de Azevedo e Tanice Andreatta. «As perspectivas sucessórias de gestão dos negócios do patrimônio entre agricultores familiares sem sucessores.» *Revista CCEI* 14, n. 26 (2010): 54-71.

Stropasolas, Valmir Luiz. «O valor (do) casamento na agricultura familiar. » *Estudos Feministas* 12, n. 1 (2004): 253-267.

Suess-Reyes, Julia, e Elena Fuetsch. «The future of family farming: A literature review on innovative, sustainable and succession-oriented strategies.» *Journal of Rural Studies* 47 (2016): 117-140. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.07.008>

Troian, Alessandra, e Raquel Breitenbach. «Jovens e Juventudes em Estudos Rurais do Brasil.» *Interações (Campo Grande)* 19, n. 4 (2018): 789-802.

Tsutsumi, Masae. «Succession of Stem Families in Rural Japan: Cases in Yamanashi Prefecture.» *International Journal of Japanese Sociology* 10, n. 1 (2001): 69-79.

Villwock, Ana Paula Schervinski, Alessandra Regina Müller Germani e Patrícia Eveline dos Santos Roncato. «Questões de Gênero no Mundo Rural e na Extensão Rural Brasileira.» *Revista Alamedas* 4, n. 1 (2016): 1-17.

Wilkinson, Roger Lindsay. L. «Population dynamics and succession strategies of rural industry producers.» PhD Tese. Institute for Sustainability and Innovation: Victoria University. 2009. <http://vuir.vu.edu.au/1943/>.

1. No mundo predomina a forma familiar de empreendimentos agrícolas, os quais se caracterizam por pertencer e serem administrados por um ou mais membros de uma família (MacDonald, Korb e Hoppe 2013). [↑](#footnote-ref-1)